

Compre  
-5. MAI 2010

REV. 1074  
H.

# REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL  
DE TURISMO, PROPAGANDA,  
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE  
E LITERATURA ◻ ◻ ◻

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VII  
II SERIE

5 DE JULHO 1922  
N.º 121

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO  
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO  
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL



## A "REVISTA DE TURISMO," CELEBRA O SEU 6.º ANIVERSARIO

**H**A precisamente seis anos — foi em 5 de Julho de 1916 — que se publicou o primeiro numero d'esta Revista.

Tem, pois, decorrido a sua publicação n'um calamitoso periodo, cheio de incertezas e de obstaculos que só os redobrados esforços dos seus fundadores teem conseguido vencer — o que é uma verdadeira gloria para eles, atendendo a que outras empresas de maior vulto e de mais solidas bases teem sossobrado sob os escombros d'este desmoronamento social.

Só podemos attribuir o milagre da existencia da *Revista de Turismo* ao ideal que a tem norteado desde o inicio da sua publicação. Por ele — que é apenas o de contribuir com a melhor quota-parte de entusiasmo, de experiencia e de trabalho, para o engrandecimento d'esta nossa Terra Natal — teem sido sacrificados muitos interesses, muitas horas de repouso, muitos momentos de comodidade, quer no estudo dos assumptos a tratar, quer na sua escolha e fatura, quer na propaganda da idéa que nos propuzemos defender, quer ainda, nos multiplos e complicados trabalhos da sua administração que, por ser d'uma empresa pequena, não teem deixado de ser eivados de cuidados e pensadas resoluções sobre os problemas que se lhe teem apresentado, para não haver soluções de continuidade.

Não expomos esta nossa vida intima

para que se amerciem piedosamente de nós, ou para que nos teçam elogios que, de resto, não merecemos; pois quem pensa cumprir o seu dever basta-lhe, para premio, a satisfação de o julgar cumprido.

E d'isso—nos parece—podemos ufanar-nos.

Se os seus resultados não teem sido mais sentidos, não nos seja attribuida a culpa, pois o pouco que se tem feito em materia de turismo em Portugal, foi sugerido ou suggestionado nas columnas d'esta Revista, como o podem atestar os seus 120 numeros—que tantos são os publicados desde a sua fundação.

Não sabemos — dadas as especies circunstancias do momento que atravessamos — até onde poderemos levar esta publicação.

Iniciamos o seu setimo ano na esperança de chegarmos ao fim. Se, porém, o não conseguirmos, morreremos gloriosamente, porque batalharemos até o ultimo cartucho; e comnosco a industria de Turismo em Portugal asfixiar-se-ha, pois que só nós, presentemente, lhe temos dado alento.

A nossa vida e a da mesma industria dependem apenas da forma porque os nossos assignantes e anunciantes — unicos com que contamos — interpretem o valor da nossa existencia.

A eles deixamos o nosso destino. Assim, na esperança de contarmos com o seu auxilio, enviamos-lhe as nossas saudações ao iniciarmos o nosso setimo ano de vida.



# QUADRO DE HONRA

*A Quem Dirige e Orienta  
a «Revista de Turismo», no  
seu sexto anniversario.*



*Amigos, caminhae sempre  
E dizei com mais firmeza  
Que das terras a mais linda  
E' a Terra Portugueza !  
Quem mais anda mais aprende ;  
E a canceira não nos vence  
Se a Fé dentro de nós váe ...  
— Eu vos mando o meu aplauso !  
Amigos meus, caminhae ! ...*

ANTONIO BOTTO



## RELAÇÕES FERROVIARIAS INTERNACIONAES

### O "SUD-EXPRESS,"

POR GUERRA MAIO

MAS se devemos pensar a serio no futuro — e n'um futuro proximo, não devemos pois deixar, n'este momento, de procurar realizar o que de resolução imediata se nos afigura. A circulação de uma carruagem mixta de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classes directa de Lisboa a Hendaya, não só para obviar ao horrivel trasbordo, ás duas horas da manhã, em Medina, mas tambem para evitar as faltas de logares em Pampilhosa, como muitas vezes acontece, impõe-se como uma necessidade urgente.

Antigamente esse problema era difficil, mesmo muito difficil, por ter apenas carruagens de 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classes o expresso do Norte de Hespanha que dá ligação aos comboios de Portugal, e ser por isso impossivel juntar-lhe uma carruagem mixta de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup>. Agora mudou o caso de figura, pois o Norte de Hespanha acaba de pôr em circulação permanente os seus excellentes expressos n.ºs 3 e 4, que se compõem das três classes de carruagens.

E', pois, por esses comboios que nós devemos agora procurar dar seguimento aos nossos passageiros. No sentido ascendente está essa ligação assegurada, por passar em Medina o comboio n.º 3 ás 2,55', a que corresponde o comboio de Lisboa; e como a sua chegada a Hendaya é ás 11,30', os passageiros para os Pyreneos e Côte d'Azur teem immediatamente ali um comboio onde seguir viagem, o que até agora não acontecia.

No sentido inverso, o comboio n.º 4 recebe em Irun uma magnifica correspondencia de Bordeus, Pyreneos e Côte d'Azur; mas como chega a Medina ás 4,28', não dá seguimento para Lisboa e Porto,

por ter o comboio de Salamanca partido ás 3,05'.

O problema é porém facil: — fazer partir d'ali o comboio ás 5 horas, vindo, assim, apanhar, sem difficuldade, em Pampilhosa, o rapido da C. P. para Lisboa.

Actualmente o *Sud-Express* ultrapassa este comboio em Pampilhosa. D'esta maneira ultrapassa-lo-hia em Vilar Formoso, durante o inverno, e em Fuentes de St. Esteban, no verão, visto ele trazer uma hora de avanço por causa da hora de verão em França.

Conseguida que fosse a alteração da marcha do comboio correio entre Medina e Pampilhosa, deviamos immediatamente tratar da circulação de uma carruagem directa de Lisboa até Hendaya, o que daria em resultado os passageiros de, e para Paris, terem aqui apenas um trasbordo, e os de Marselha dois: um em Hendaya-Irun e outro em Bayona.

Em Hespanha existem carruagens que vão directamente de Madrid a Vigo, Corunha, Santander, Bilbao, Granada, Valencia, Malaga, Alicante, etc., e em França e Belgica ha-as em todas as direções.

Em França, o Ministro das Obras Publicas, defendendo este serviço, fez com que se creassem novos comboios directos entre diferentes pontos, como do Havre e Rouen para Lile, de Bayona para Avinhão, de Strasburgo para o Rhodano, etc.

— Porque se não ha de fazer o mesmo em Portugal? Se os interesses d'umas companhias são os das outras, os de todas, os do Paiz, e os do Paiz os da Peninsula?

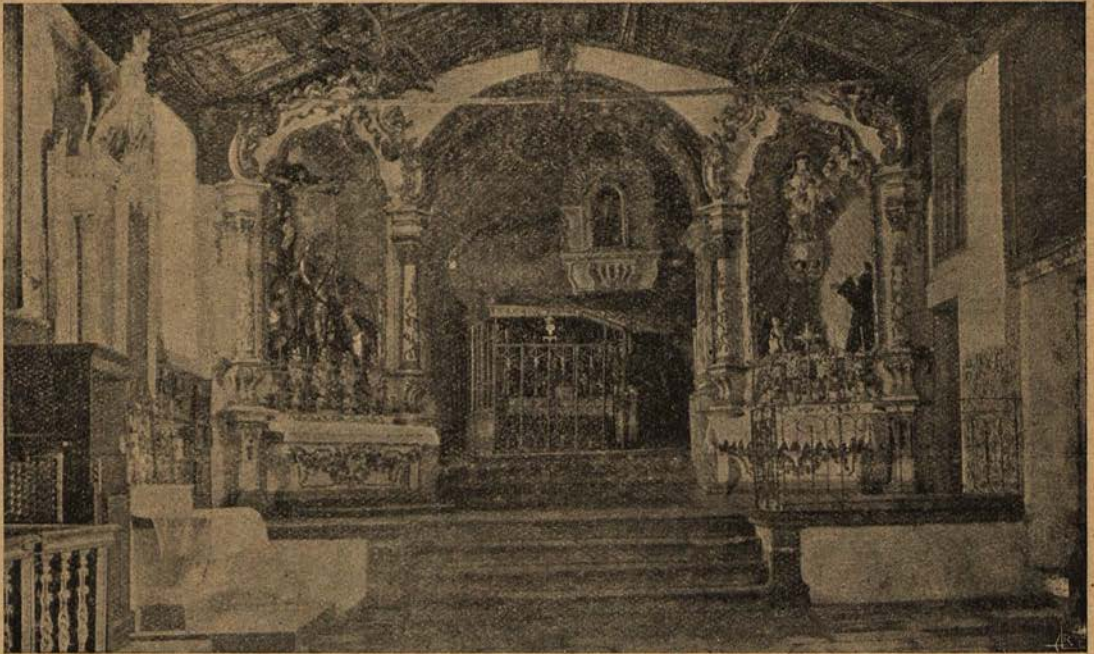


PORTUGAL PITORESCO*A SERRA DA LAPA E A  
CAPELA DE NOSSA SENHORA**(Continuação)*

REMATANDO o extracto que fizemos d'uma interessante entrevista sobre o Sanctuario de Nossa Senhora da Lapa, que se acha erecto n'um dos mais pitorescos pontos de Portugal, vamos completar essa descripção com dados elucidados

tado por pessoas de quasi todo Portugal, mas especialmente pelos habitantes das provincias: Beira Alta Beira Baixa, Trazos-Montes, Minho e Douro.

A este proposito, a povoação da Lapa canta a seguinte quadra :



Interior do Sanctuario de Nossa Senhora da Lapa

tivos de maneira a completar a idéa verdadeira do que é esse aprazível sitio, onde fica situado e do perimetro da sua influencia.

*Adeus, casa; adeus campos!  
Adeus, amigos, tambem!  
Vou-me á Senhora da Lapa  
Visitar a minha Mãe.*



O Sanctuario de Nossa Senhora da Lapa, situado na serra de Nossa Senhora da Lapa, concelho de Sernancelhe, districto de Vizeu e bispado de Lamêgo, é visi-

Em frente do Sanctuario e á distancia de 500 metros está situado o Miradouro de Nossa Senhora da Piedade, d'onde muitos devotos costumam ir de joelhos até ao Sanctuario. Entre o Sanctuario e o



Miradouro havia uma calçada de pedra, acompanhando a depressão do terreno que ha entre os dois logares. Essa calçada, devido á má construção, ao grande transito, ao rapido desnível do terreno e á reunião das aguas pluviaes, era muito irregular e de difficil passagem. Hoje acha-se substituida por uma ampla Avenida que regularizou o terreno, tornando muito menos sensível a sua depressão. Esta avenida foi construida em 1908. Tem sido tão sensível a influencia mystica que a Senhora da Lapa tem exercido no povo, que por qualquer motivo uma nova quadra é augmentada nas suas trovas. Assim sobre mau caminho o povo fez a sua préce na quadra que se segue :

*Minha Senhora da Lapa,  
Mandae varrer a calçada,  
Porque picam as pedrinhas  
Quando vou de madrugada.*



Na segunda-feira do Espirito Santo de cada ano, ha no Sanctuario grande concorrencia de romeiros, principalmente dos conceelhos de Sernancelhe, Moimenta da Beira e Vila Nova do Paiva, formando cada freguezia uma procissão presidida pelo seu parcho.

Por isso uma das trovas populares cónsta do seguinte verso :

*Nossa Senhora da Lapa  
Tem estrelas em seu manto,  
Déram-lh'as os anjos do céu  
Dia de Espirito Santo.*

Proximo á povoação da Lapa e apenas á distancia de 100 metros ha um abundante manancial de agua, a que chamam

— *Fonte dos Clerigos*, que por tres bicas cae n'um tanque e que forma uma das nascentes do rio Vouga que aqui tem a sua origem. A agua d'este manancial é saborosissima e muito fresca no verão.

A gente do povo acrescentou ás suas trovas est'outra que é bem o significado do seu espirito simplista :



Miradouro de Nossa Senhora da Piedade

*Nossa Senhora da Lapa  
Que daes aos vossos romeiros ?  
Dou-lhes agua das minhas fontes,  
Acolho-os nos meus outeiros.*

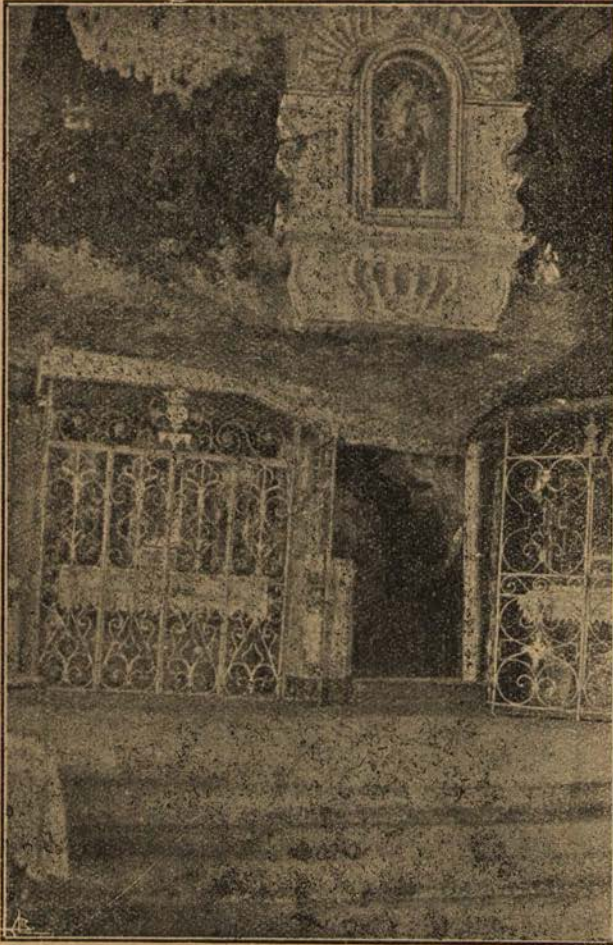


A nordeste da Lapa e proximo do caminho que da povoação do Granjal, concelho de Sernancelhe, vem para o Sanctuario, assim como a sudoeste, junto ao caminho que da freguezia da Ferreira d'Aves, concelho de Satam, vem igualmente para o Sanctuario, e em plena serra, acham-se diferentes morouços ou

minho, facilmente se perderiam n'esses pontos desertos. D'esses morouços alguns teem muitos metros cubicos de pedra.



El-Rei D. Sebastião auctorizado por uma Bulla do Papa Gregorio XIII de 16 de Outubro de 1576, doou o Sanctuario de Nossa Senhora da Lapa á Companhia de Jesus que o administrou até ser expulsa pelo Marquez de Pombal em 1759. Durante este periodo, a povoação da Lapa progrediu a tal ponto que por uma Portaria d'El-Rei D. João V datada do Paço de Queluz de 18 de Julho de 1740, foi elevada á cathegoria de Vila, formando com a proxima povoação de Quintela um condado, e sendo nomeado primeiro conde da Lapa, Pedro de Figueiredo Noronha e Vasconcelos e Almeida, fidalgo cavaleiro com exercicio no Paço e Almirante da Navegação dos dominios portuguezes, ficando desde então o condado gozando do fôro de concelho independente e podendo nomear todas as justicas necessarias. Por Provisão de D. Maria I, de 26 de Maio de 1781, foilhe concedido foral. Pela remodelação administrativa de 1855 foi este concelho extinto e incorporado no de Sernancelhe. Ainda hoje existe em bom estado o pelourinho, e já um pouco arruinada a cadêa.



Entrada da lapa ou gruta de Nossa Senhora da Lapa

montões de pedro miuda, uns maiores, outros menores, sendo tradição que esses morouços foram ali feitos com o fim de indicar o caminho de Nossa Senhora da Lapa aos romeiros que vinham de longes terras e que, não conhecendo bem o ca-

A Lapa, com a povoação de Quintela, onde sempre se conservou a igreja matriz, forma a freguezia de Quintela da Lapa.

A imagem de Nossa Senhora da Lapa está ao fundo de uma lápa ou gruta formada por um enorme penedo que ocupa quasi toda a capela-mór do Sanctuario.



# O II CONGRESSO BEIRÃO

## O QUE SE RESOLVEU SOBRE TURISMO

**R**EALISOU-SE ha pouco em Coimbra o II Congresso das Beiras.

Da sua realisação e do que lá se passou, apenas sabemos pelos jornaes de grande informação, que, mais ou menos circunstanciadamente, deram á estampa o relato das sessões.

Pelo que lêmos, parece-nos que se creou para esse Congresso mais um ambiente politico do que propriamente uma natural e justa atmospheria regionalista; e, d'ahi, os poucos resultados que possivelmente ele possa vir a produzir.

O facto prestava-se a uma cuidada apreciação; todavia relegamol-a para outro tempo, a fim de nos occuparmos simplesmente da parte que directamente nos interessa — e que é o Turismo.

Como não recebemos copias das theses apresentadas sobre o assumpto, trasladamos para aqui, por conveniencia d'archivo, o que a tal respeito encontrámos nos extractos publicados pelo *Diario de Noticias*:

### O Turismo na Serra da Estrela

.....  
 «Sobre a segunda parte, apresentou as conclusões seguintes: 1.º Portugal, quer pelo seu clima privilegiado, quer pelas inegalaveis belezas das suas paisagens, poderá ser um grande paiz do turismo; 2.º A Serra da Estrela, pela sua altitude e pelas propriedades do seu clima, é a estancia mais aconselhada para repouso e para a cura das doenças pulmonares; 3.º Pela sua configuração e pela sua altitude, a Serra da Estrela presta-se ao Herminismo e a todos os jogos de montanha, começando-se pela sua ligação acessivel com o resto do paiz e com o estrangeiro; 4.º Deve instar-se com os poderes publicos para a conclusão da estrada nacional 46, e pelo estudo definitivo e a realisação do caminho de ferro da Louzã, Arganil, Santa Olaia, Covilhã, conforme a these do illustre engenheiro sr. Ernesto Julio Navarro, cujas conclusões foram por aclamação votadas no Congresso Beirão; 5.º O Congresso Beirão resolve tomar a iniciativa

da constituição de uma grande Empreza de Turismo na Serra da Estrela, para realisação dos seguintes fins: a) construção de hoteis e sanatorios de repouso em Manteigas, Serra do Desterro, S. Romão, Covilhã, sitio do Sanatorio, Senhor da Serra e Varandas; b) construção de um funicular ligando estes pontos; c) construção de campos de jogos; d) construção de um «Le Palace» para patinagem, banhos e festas nocturnas.

O capital a subscrever será de 10 milhões de escudos.»

### O Vale de Mondego como

#### estancia de Turismo

«O sr. dr. Pestana de Vasconcelos relatou, depois, o motivo sobre «O Vale do Mondego como Estancia de Turismo».

A these conclue propondo: — Que toda a região que constitue a bacia do rio Mondego seja considerada uma estancia «especial e unica» de turismo; 2.º — Que continuem subsistindo as «comissões locais de iniciativa», as quaes designarão delegados para constituirem uma «Comissão regional de iniciativas com superintendencia nos assumptos de interesse turistico da região; 3.º — Que o Conselho Regional de Turismo disponha de receitas proprias, as quaes serão constituídas por uma percentagem a ceder pelas comissões locais das que lhe são atribuidas pelo art. 5.º da lei 1152, e mais uma percentagem sobre a contribuição industrial cobrada dentro da area da sua superintendencia; 4.º — Que o Conselho Regional de Turismo tenha poderes executivos para a realisação de obras publicas de interesse turistico «regional», e poderes consultivos nos assumptos de interesse para o turismo «nacional», assim como a competencia a que se refere o art. 12.º do decreto 8046, de 24 de fevereiro de 1922; 5.º — Que seja constituído um banco denominado «Banco Central de Turismo» destinado a facilitar a realisação dos empreendimentos de iniciativa particular, e a prestar a assistencia financeira indispensavel ao desenvolvimento da industria hoteleira; 6.º — Que a este Banco sejam extensivas as vantagens do art. 1.º do decreto n.º 1121, de 2 de Dezembro de 1914, prorogado pela lei n.º 923, de 30 de Dezembro de 1919; 7.º — Que o Banco substitua a Caixa Geral de Depositos para os efeitos bancarios a que se re-



ferre a lei n.º 1152, regulamentada pelo decreto n.º 8046 de 22 de Abril de 1922.»

Do mesmo extracto recortamos tambem os seguintes periodos, que, pela forma como estão redigidos, dão a idéa d'uma charada:

«O sr. Duarte Veiga propôz ao Congresso, sendo aprovado, segundo a orientação do sr. dr. Antonio Luiz Gomes, a eleição da seguinte comissão: drs. Antonio Luiz Gomes, José Cardoso Torres Garcia, Correia Monteiro e Pinto Loureiro. Esta comissão dará parecer sobre o que seja regionalismo.

Em aditamento a esta proposta o sr. dr. Cunhal pede a criação de órgãos locais e centraes. Para esse efeito será nomeada uma comissão a que presidirá o reitor da Universidade.

Sobre o assumpto falou o sr. dr. Paulo Menano».

Para não alongarmos mais esta nossa referencia, fechamol-a com as mesmas palavras com que o *Diario de Lisboa* terminou o relato da sua reportagem.

«Todas as theses foram aprovadas. Com elas, muitas moções. De positivo a fazer, ha a these de Cunha e Costa: uma empreza com dez mil contos para dar turismo, perdão, «herminismo» á Serra da Estrela. As bolsas que se fecharam terão agora coragem de cumprir o seu dever?»

*Vederemo ed dopo parlaremo.*

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe comunicações que interessem ao seu fim especial.

## AUGUSTO NAVARRO

INSERE hoje a nossa pagina de literatura um excerpto d'um livro em preparação, que se intitula «Do Oceano e do Amor» com que vae ingressar nas letras patrias um moço escriptor, o Sr. Augusto Navarro, filho mais novo do nosso muito estimado amigo e ilustrado caudico Sr. Dr. Alberto Navarro.

A apresentação das paginas d'esse livro em que a existencia afim do *Amor e da Vida* é tratada sob um muito interessante aspecto ideologico, dispensa-nos outros encomios que não sejam os que ressaltam da leitura d'essa bela joia literaria.

Apresentando ao novel escriptor os nossos cumprimentos, fazemos votos para que as suas produções enriqueçam grandemente o arquivo literario portuguez.

## A NOSSA CAPA

COMO tem sucedido sempre em cada ano da sua publicação, depois de iniciada a 2.ª serie, a *Revista de Turismo* apresenta no numero de hoje, que comemora o inicio do seu 7.º ano de existencia, uma nova capa, representando uma alegoria em estylo genuinamente portuguez.

Esse trabalho que é uma felicissima concepção artistica, é da auctoria do nosso muito estimado e valoroso colaborador sr. Ribeiro Christino, que, assim, mais uma vez quiz demonstrar o seu apreço pela nossa obra a que ele tem dado um precioso relevo.

A Ribeiro Christino, consignamos aqui, com os protestos da nossa amizade, os nossos perduraveis agradecimentos.

## «REVISTA DE TURISMO»

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Portugal—Cont.—semest.	2\$00
Ano.....	4\$00
Colonias—ano.....	7\$50
Extrangeiro—ano.....	10\$00

Numero avulso \$40 (400 réis)



# RELAÇÕES HISPANO-LUSAS

## CREAÇÃO D'UMA AGENCIA DE TURISMO EM MADRID

No desejo de se explorar a nossa inferior situação cambial—na qual o nosso paiz podia encontrar, pelo criterioso desenvolvimento do turismo, uma forte compensação para a grave crise economica que está atravessando — acaba de ser instalada em Madrid, por iniciativa particular, uma agencia de turismo, especialmente destinada a propagar as relações hispano-lusas, aproveitando-se já a proxima época balnear para execução d'essa idéa.

A este proposito não podemos deixar de fazer as seguintes observações que nos parecem bastante oportunas.

Sem deixar de aplaudir essa iniciativa e de chamar para ela a atenção das partes interessadas, como sejam os caminhos de ferro e os hoteis, os quaes no seu proprio interesse devem facilitar o mais possivel a realisação d'aquela empreendimento, não podemos tambem deixar de lastimar que, só agora e por idéa d'um hespanhol, o Sr. Manuel Ortiz, se leve a efeito uma medida que o Governo Portuguez, directamente por intermedio da sua Repartição de Turismo, ou auxiliando a Sociedade Propaganda de Portugal, devia, já ha muito, ter posto em pratica, quanto mais não fosse, como um excelente recurso para acudir á crise economica por que estão atravessando as nossas praias e thermas.

Porque se não instalou ainda um posto d'informações em Madrid, semelhante ao que está funcionando ha três anos em Paris?

Esse posto, a nosso vêr, seria de tantos ou mais proveitosos resultados do que os produzidos pelo posto de Paris.

Sabe-se bem a preferencia que uma grande maioria da população hespanhola, principalmente da Andaluzia e de Castela, dá ás praias e thermas portuguezas,

não só porque lhes ficam mais proximas e mais acessiveis do que as praias banhadas pelo Cantabrico e pelo Mediterraneo, como, tambem, pela economia, muito especialmente agora, que a diferença do valor das moedas das duas nações é consideravel.

Teria sido uma medida de largo alcance a criação do posto de Madrid, logo que a peseta começou subindo de valor em relação ao da nossa moeda.

Não se pensou n'isso — porque *outros interesses* absorveram, certamente, todo o tempo.

O resultado está-se vendo, isto é — outros, estrangeiros, aproveitam-se da situação, mas unicamente no intuito de a explorarem momentaneamente. D'esta forma os beneficios que d'ahi nos adveem são apreciaveis, mas longe ainda dos que podiam e deviam ser extrahidos por nós.

Este caso sugere-nos tambem as seguintes perguntas :

— Porque não se tratou ainda do estabelecimento d'outro *bureau* no Rio de Janeiro?

— Porque se tem descurado d'estas empresas cujos resultados para o Paiz são incontestaveis?

Não se pode alegar que não ha dinheiro para isso, quando ele aparece sempre para todas as bambochatas de que os politicos se lembram para satisfação das suas vaidades e comodidade das respectivas bolsas. Demais, qualquer dos dois postos — em Madrid e no Rio de Janeiro — poderiam, depois de bem instalados e de bem conhecidos, bastar-se, talvez, a si proprios, desde que estivessem confiados á direcção de pessoas honestas e conhecedoras do «metier».

Não queremos atribuir culpas do relacionamento a que chegaram os serviços de



turismo em Portugal. Lastimamos sinceramente o que se está passando a tal respeito, pois nos faz crêr que a idéa esboçada com a criação do posto d'informações em Paris, para a propaganda de Portugal por intermedio d'outros postos identicos, cujo estabelecimento se impugna, como ainda hoje se impõe, princi-

palmente o do Rio de Janeiro — não tem seguimento, ficando o nosso paiz simplesmente entregue á exploração dos estrangeiros, unicamente como forma de ganhar uma rendosa vida e, por isso mesmo, não empregando n'essa industria os cuidados que ela devia merecer a portuguezes.

## *O "PALACE-HOTEL,, DO BUSSACO*

### *NOVAS CONDIÇÕES PARA A PROROGAÇÃO*

### *DO ACTUAL ARRENDAMENTO*

A proposta apresentada ao Parlamento pelo sr. ministro da Agricultura relativa á prorogação do arrendamento do Palace-Hotel do Bussaco, é concebida nos seguintes termos :

«1.<sup>a</sup> — O actual arrendatario obriga se a estabelecer á sua custa, mediante projecto previamente aprovado e que ficará fazendo parte integrante do novo contracto, a ligação do edificio principal com o anexo denominado «Casa do Embrechado», o qual deve satisfazer ás seguintes condições :

*a)* Esta ampliação comprehende o prolongamento do edificio do Embrechado sobre o terraço existente, ligando com o edificio intermediário ao Palace Hotel.

*b)* A construção da parte que se pretende ampliar n'este anexo não affectará a estética relativamente ao conjunto dos edificios existentes.

*c)* Além das galerias centraes ou espaços corredores n'esta ampliação que liga interiormente com o Palace Hotel, ficarão existindo n'este anexo vinte e seis quartos, sendo 13 em cada pavimento, quatorze casas de banho e retretes privativas dos quartos de maior importancia, uma retrete commum em cada pavimento e duas salinhas para serviço particular dos hospedes em dois quartos principaes.

*d)* A ventilação das casas de banho será feita por chaminés ou pequenos pateos, como actualmente é usado nos hoteis modernos, e a luz será distribuída pelas divisões envidraçadas nos corredores de passagem dos quartos e por bandeiras nos mesmos, sendo estas fixas.

*e)* Os aparelhos sanitarios e canalisações serão de primeira qualidade.

*f)* Os compartimentos d'este anexo serão munidos de iluminação electrica, aquecimento central e serviço telephonico.

*g)* E' eliminada a escada existente na fachada da frente para aproveitamento de quartos, ficando sómente a escada posterior em virtude do serviço dever ser todo feito interiormente. Como ha diferença de nivel entre o pavimento da ampliação do anexo e o edificio intermediario que liga com o Palace Hotel, haverá ao fundo da galeria uma escada que ligará os dois pavimentos.

*h)* O genero ou estylo architectonico d'esta ampliação seguirá o mesmo do anexo do Embrechado.

*i)* O paramento das paredes será feito como o actual e seguirá os mesmos desenhos e decoração.

*j)* O nicho em estylo bisantino com a Nossa Senhora pintada a fresco que existe sobre o parapeito do terraço, subsistirá, mas emoldurado por um grande



janelão, rematado por um coroamento de cantaria, com o escudo das Quinas e a Cruz de Christo.

k) O fundo d'este janelão será encaixilhado com vitraes adequados.

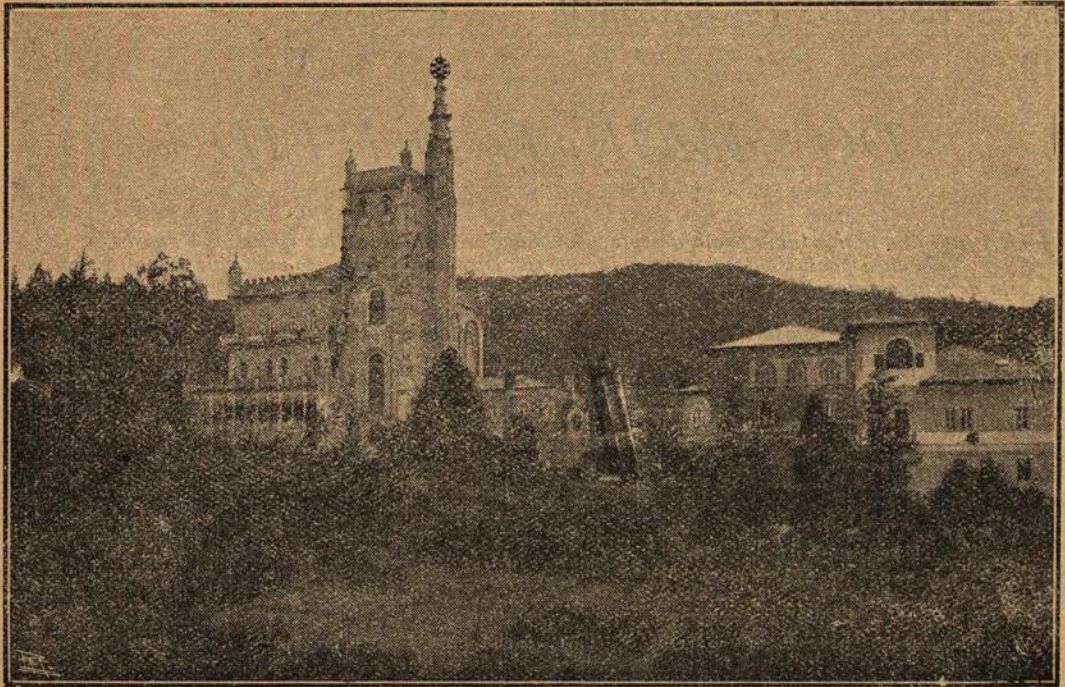
l) O cunhal saliente na fachada principal do pavimento anterior será abrangido por uma grande janela de canto interceptada por colunelos no estylo do edificio.

m) A porta do pavimento inferior do mesmo

actualmente em vigor, á pintura e reboco exteriores dos edificios, bem como a elevar o seguro a que se refere a condição 12.<sup>a</sup> á quantia de 500.000\$000.

4.<sup>a</sup> — O Estado concede-lhe, em troca, a prorrogação do referido contracto até 31 de outubro de 1945.

5.<sup>a</sup> — Para a fatura do novo contracto prevalecem as condições actualmente em



PALACE HOTEL DO BUSSACO

cunhal fará a serventia d'um quarto para a varanda.

2.<sup>a</sup> — As respectivas obras devem iniciar-se no prazo maximo de três mezes a contar da data da aprovação do novo contracto, devendo estar concluidas dois anos depois da mesma data, sujeitando-se o arrendatario, durante a construcção, á fiscalização dos serviços florestaes.

3.<sup>a</sup> — O arrendatario ainda se obriga, além da reparação e conservação a que se refere a condição 11.<sup>a</sup> do contracto

vigor, salvo as alterações resultantes da aprovação das presentes bases.»

Taes são as novas obrigações a incluir em o novo contracto de arrendamento do Palace-Hotel do Bussaco, que, como se sabe, vem sendo explorado pelo conhecido e habilissimo hoteleiro, sr. Alexandre d'Almeida.







## CREPUSCULOS DE SAUDADE

### DO AMOR E DA VIDA

**E**RA junto ao mar, n'uma praia deserta, mordida por diluvidos de luz igneados e rubros. Toda a praia se dava ao noivado do sol, enrodilhada em espumas, que eram os veos de virgem de seus cabelos loiros.

Seus cabelos loiros eram sua areia, que o sol osculava lascivo e febril.

A praia era silenciosa e triste, como uma deusa escorraçada pelos homens, que se refugiasse junto ao oceano para lhe contar suas maguas e seus dias longiquos de apothose nos templos maravilhosos da velha Grecia pagã. Passavam de quando em vez, serenamente, silenciosas e frias, as sombras de Euterpe, coroada de goivos e acufenas, de heliotropis e rosas, entoando a ultima symphonia langorosa e doce de sofrimento e de martyrio; de Therspicore e de Crato, quebrando uma seu corpo n'uma derradeira cadencia de rythmo, rezando outra uma esquecida poesia que tinha ficado inedita na mente escandecida, delirada d'um poeta soldado.

Deslizavam misteriosas na praia, diziam um grande adeus ao mar, beijavam-no n'um esbrazeado beijo d'amor e de saudade, e sombras que eram, como sombras tinham vindo, assim se evoluavam confundidas na neblina ou na espuma das vagas.

Ora, aconteceu por um capricho ironico do Destino, que uma bela manhã, era Maio toucado de flôres, deslumbrante de sol, se viessem encontrar na praia deserta e virgem, o Amôr e a Vida.

E diz o Amôr à Vida, olhando-a orgulhoso n'uma soberba vaidade:

— «Sou eu que te torno desejada, sou eu que te torno bela. Se não fosse meus milagres rubros e opalescentes, tu serias apagada, banal e inferior, como uma nymfa desprezada dos faunos».

A Vida olha-o, tristemente, e não responde. Na praia faz-se um silencio pesado e lugubre. Dir-se-hia que passam a enterrar os corpos brancos das sereias brancas; ao longe, como rezando um formidavel e tetrico psalmo as vagas do mar encapelado rugem mais tragicas mais monstruosas.

O Amôr sorri n'uma beleza indefinivel. Começa o crepusculo.

A noite, a pobre deusa negra, vem descendo com lentidão; já no ceu soluçam friorentas e palidas as estrelas inocentes e virginaes. O oceano é negro e solurno; n'uma furia regouga, regouga como um louco furioso em paroxismos de raiva. Na espuma das ondas cavalgam e gargalham phantasmas chimericos. A lua sobe no firmamento azul. Suas mãos doiradas amanssam as aguas, e veem acariciar o Amôr.

E o Amôr diz à Vida:

— Vê como o luar me beija, vê como ele vem frizar os meus cabelos. Eu sou o seu amado, o cavaleiro andante e romantico, mas, ingrato que sou, desprezo-o a ele que me acaricia e que é belo, por ti que me repêes e que és traiçoeira e vil! Embora, Eu serei sempre o teu companheiro, o teu irmão. Gosto de ti, minha pobre louca. A's vezes, quando me maltratas, lembro-me que se não fossem os meus olhos, a minha boca, todos os meus encantos, tu não existirias à face da terra. E perdô-te sempre. Ah! minha aolda e adorada inimiga, o que és, o que vales, a mim, só a mim m'o deves!

E a Vida a olhar para o Amôr, não responde e sorri.

A noite vae alta. A lua fatigada e resplandecente parou no meio dos céos. Toda a terra está dentro do seu beijo. A lua beija o mundo na boca. Calou-se o mar, dormem as nereidas, e as estrelas no alto sussurram historias titanicas e belas de heroismos, de naufragios.

Subito, na praia serena, um vulto d'homem surge,



*A Vida vae-lhe ao encontro, abraça-o e beija-o n'um beijo quente e doce de esperança, de fe. Quer prende-lo, acalenta-lo, em seus braços, em seu seio. O homem despreza-a, insulta-a, foge-lhe. E doida, a correr, a correr pelo areal adusto, sobe a uma rocha, tinge-a com o seu sangue, ergue as mãos n'uma ultima supplica e precepita-se no abysmo.*

*A Vida solta um gemido, e de dôr desmaia lívida e fria.*

*O Amôr vem para ela e docemente diz-lhe :*

— «Foste tu, foste tu que o mataste, mas não chores, não ensombres de lagrimas os teus olhos de abismo, os teus olhos de mysterio, de perdição. Tens mais, muitos mais; este, coitado, era um insatisfeito, um revoltado. A Morte tentava-o, deixa-o lá, esquece-o, mas pela Beleza, pela Graça não chores mais!»

*E a Vida, fitando-o Amôr n'um sorriso metalico de ironia, responde :*

— «Quem o matou, foste tu Amôr. Tu és o assassino de todos os meus filhos. Por isso eu te delesto, por isso eu te amaldiçou-o.»

*E o Amôr, irritado e colerico, volve :*

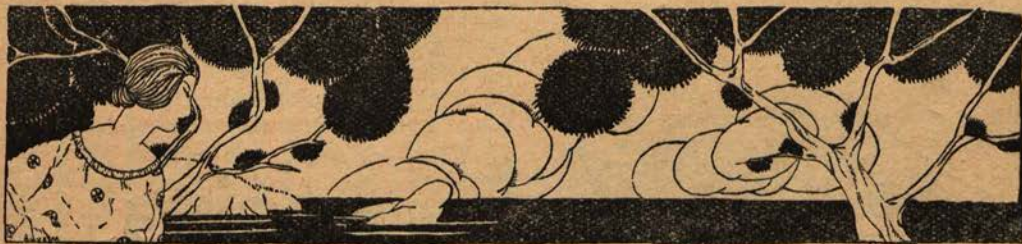
— «Oh! impudica, oh! torpe ninfa do meu desejo, da minha perdição, diz como fui eu que apaguei n'aquela pobre alma o calor dos teus beijos? Quero que digas como foi que eu transmutei o fogo que o abrazava e que tu lhe tinhas dado, na neve que o matou, que tu me acusas de com ella o fulminar.

.....  
*Ja amanhecendo, do oriente ascensionava o sol, e a Vida debruçada sobre o cadaver, arrancou-lhe do peito o coração. E o Amôr, petrificado, imovel, sufocado, viu-o crivado de golpes, exangue de torturas, ressumando maguas, gotejando desilusões, decompondo-se em sofrimentos, dos quaes se evolavam sonhos e promessas que elle lhe tinha feito, que nunca, esquecido e leviano, havia realizado.*

*Tombou a chorar, soluçava tremulo e angustiado; então a Vida, n'uma vibrante gargalhada christalina e preversa, ergueu-o em seus braços, beijou-o n'uma sofre guidão, e desgrenhada, sensual, meiga e perdida de desejos, regressou ao mundo, que a detesta e ama, n'uma inconsciencia doentia constante.*

AUGUSTO NAVARRO

Do livro em preparação «DO OCEANO E DO AMÔR»



## CASTELO DA FEIRA

### RELATORIO DA COMISSÃO DE VIGILANCIA

DA Comissão de Vigilancia pela guarda e conservação do «Castelo da Feira» recebemos um interessante relatório sobre as contas do biénio de 1920-1921, de que extractamos os seguintes periodos, que muito bem podem servir de incentivo para iniciativas identicas nas locali-

dades onde ha verdadeiras preciosidades historicas e antigas como o referido Castelo.

A respeito do saldo de contas na importancia de Esc. 2.109\$83, diz o seguinte :

«Este avultado saldo, que se acha depositado



na Caixa Economica, não significa que não haja obras a realizar no momento. Não; obras não faltam ali, em que aplicar grandes somas. Simplesmente, elas não tem o carácter urgente que tinham tantas outras que levámos a cabo. E por isso, desde que, dia a dia, esperamos a expropriação, determinada superiormente, d'uma zona de respeito e defeza em volta do monumento, estamos acumulando receita para custear as avultadas despezas que teremos a fazer com a remoção do entulho em que se encontram soterradas várias dependencias e portas do Castelo (uma d'elas á profundidade de cinco metros) e para pôr o exterior do monumento a par do interior, o que só se pode levar a efeito apoz essa expropriação.

Eis aqui a maxima beneficiação, que a todas agora sobreleva, desde que, á custa dos nossos trabalhos e canceiras, está garantida a estabilidade de todo o edificio actual. Sim; a libertação do monumento, cativo até aqui de proprietarios circumvizinhos, a sua total exumação e desentulhamento, a livre praticabilidade de todas as suas portas exteriores, a garantia de que ninguem edifique junto d'ele ou plante proximo arvoredo de grande desenvolvimento que venha a cercear o seu horisonte magnifico e a tolher a sua bela paizagem, eis a beneficiação maxima que no presente momento se impõe. Ha, pois, que amealhar toda a possivel receita para efectivar esse magno desideratum logo

que o Estado realize o que só éle pode determinar e realizar: a expropriação.

Por esta ponderosa razão se fizeram poucas obras n'este biénio, as quais se limitaram ás reparações do exterior da torre de menagem, que contrastava tanto com o irrepreensivel asseio de tudo quanto é intra-muros, como agora detestavelmente contrasta todo o exterior incluso em terrenos particulares.»

Menciona, depois, esse Relatorio, os vários e expontaneos donativos que foram oferecidos para o fim especial da Comissão de Vigilancia, que com a sua idéa altamente patriótica, e com a sua criteriosa orientação e com a sua muito benefica acção se tem imposto ao respeito e admiração de todos quantos luctam pela conservação dos nossos padrões historicos; conseguindo tambem, por essa forma, rodear-se de valiosos e prestantes concursos para o bom exito da sua obra.

Registando com muito agrado tão auspiciosos resultados, endereçamos as nossas felicitações e o nosso incitamento á distinta comissão.



## CARTA DA BELGICA

Bruxelas, Julho 1922

**H**A bastante tempo já que a rapida velocidade do tempo me não concedia, sequer, um momento para me fazer recordar dos leitores da bela *Revista de Turismo*. Hoje, porém, gozando um pouco de liberdade, venho aproveitar'a na satisfação de escrever para a mesma Revista, para que ela possa inserir noticias d'este

paiz longiquo, onde ha portuguezes e se fala portuguez.

Aproveito, tambem, o ensejo muito agradavel da passagem do 6.º aniversario da mesma Revista, para me associar do coração á alegria que esse facto deve proporcionar aos seus fundadores. Os meus parabens, pois.

Entrando propriamente na apreciação



das coisas que por aqui se vêem, vou referir-me especialmente a um caso que, constatado em Portugal, dir-se-hia logo que «era uma vergonha» e — com a preocupação que o estrangeiro sempre nos causa em tudo e para tudo — que cá fóra não se veria semelhante coisa.

Trata-se simplesmente do asseio das estações dos caminhos de ferro e dos comboios que circulam nas linhas d'este trabalhador paiz.

Quem, agora, entre nas salas d'espera das estações e depois tome especialmente um dos variados *tramways*, dirá que, no final de contas, a educação civica, principalmente na Belgica, é uma coisa muito parecida com a falta de civilização. Não se calcula a que ponto chegou o instinto da porcaria na população belga! Parece, mesmo, que, para o manifestar d'uma forma incontestavel, escolhe sempre os logares publicos!

Causa pena ver o relaxamento d'este povo, pronunciando os seus actuaes costumes por forma a causar as maiores náuseas e a mais sentida repugnancia.

As plataformas dos comboios tornaram-se em escarradores para os viajantes que são incapazes de fumar sem espectorar em cada minuto. Dentro das carruagens tem de se andar com o maior cuidado para não se escorregar em caroços e peles de fructas que, conjunctamente com toda a especie de porcaria, papelinhos, trapos, etc., etc., formam um original tapete.

Nas estações dá-se a mesma coisa. Tanto no «hall», como na gare e nas salas de espera, quer sejam de 1.<sup>a</sup> ou de 3.<sup>a</sup> classe, a imundicie expõe-se da mesma maneira — repelente, nauseabunda.

Então, nos W.C., nem falar n'isso é bom.

Emfim, para que os proprios nacionaes que não estão habituados a viver na porcaria, se queixem aspera e rudemente d'este actual estado de coisas, pode-se avaliar até que ponto chegou a falta de asseio que aqui se está presentemente notando. E isto — note-se bem — não obstante as inumeras prohibições, prevenções, indicações etc., etc., para que se guarde o

maior respeito pelos logares comuns a fim de que ninguem seja incomodado e todos se sintam bem!

Será a abundancia de conselhos que surte um resultado contraproducente?

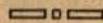
E' difficil explicar a causa d'este mal. O certo é que, depois da guerra, se vem sentindo um forte abaixamento no nivel moral das populações, muito principalmente d'aquelas que, com maior intensidade, sentiram os efeitos directos da grande catastrophe. Ela trouxe para o mundo uma onda de democracia que, infelizmente, tem sido tão mal interpretada que os seus resultados são, o mais possivel, perniciosos.

Repercute-se aqui o mesmo phenomeno social que está assolando o Universo. E este facto da falta de respeito pelo proximo, manifestada pela depressão dos sentimentos de civismo, é bem uma prova d'esse phenomeno. Ha uma palpavel manifestação da inversão dos logares, exteriorisando-se pela falsa e errada comprehensão dos direitos proprios e alheios.

Aqui, na Belgica, tem-se produzido uma reacção contra essa força avassaladora; mas teem sido insufficientes os esforços para a dominarem por completo. Assim, sobre a falta de asseio, fez-se uma grande campanha na imprensa, não tendo, infelizmente, surtido efeitos beneficos. Agora, apela-se para os professores das escolas primarias, incutindo-lhes a idéa de ministrarem ás creanças as verdadeiras noções da civilização, do respeito, da boa educação — emfim dos principios basilares em que assentava a civilização de antes da guerra e na qual tão bem nos achavamos.

Quem diria, n'esse tempo, a que ponto haviamos de chegar.

— E ficamos por aqui?



Propriamente sobre turismo algo havia a dizer, pois a situação presta-se para diversas apreciações sobre diferentes casos que se teem constatado; como, porém, esta já vae longa, guardo essas apreciações para quando me seja possivel escrever outra carta; terminando, com a remessa das minhas mais sinceras saudações.

J. C.



# TURISMO INSULAR

## EXCURSÃO A MADEIRA

UM grupo de turistas do Porto denominado «Serranos», projectou e está levando a efeito uma interessante excursão de turismo á Ilha da Madeira, na qual tem havido o maior enthusiasmo.

Esta excursão, cujo inicio teve logar em 20 de Junho passado, sahindo de Lisboa pelo vapor «Lima», tem obedecido ao seguinte interessante programa, que termina ámanhã com o regresso a Lisboa:

Dia 23 — Visita á Cidade do Funchal: Quintas Vigia e do Pavão. Theatro Municipal e Sé Cathedral; Caves de F. F. Ferraz e João I. Gonçalves. Exposição de bordados «Madeira House», etc.

Dia 24 — Partida do Funchal em elevador para o Monte, visitas: Quinta Rocha Machado e Water-chutte do «Monte-Palace».

Almoço no Palace Hotel.

Passeio até ao «Terreiro da Luta».

Regresso em carro de vimes ao Funchal onde se pernoita.

Dia 25 — Sahida do Funchal em vapor costeiro para a vila da Ribeira Brava. Passagem por Camara dos Lobos e Cabo Girão (o 8.º do mundo, 600<sup>m</sup> de altura). Excursão ao Lombo do Mouro. Visita á levada do Monte Medonho. Almoço na casa de abrigo. Passeio á «Bica da Cana». Jantar e pernoitar.

Dia 26 — Excursão ao Caramujo (1500<sup>m</sup> de altura). Visita á levada da Ribeira do Inferno. Almoço na casa de repouso do Caramujo. Ascensão ao Pico dos Estanquinhos. Regresso á Bica da Cana. Jantar e pernoitar.

Dia 27 — Excursão ao Rabaçal, passagem pelo Paul da Serra, visitas á Ribeira dos Poços, Levada Nova, Vinte e cinco Fontes, (almoço) Ponte do Sifão, Ribeira e Queda do Risco e ascensão da Cumeada. Jantar e pernoitar no Rabaçal.

Dia 28 — Partida para a vila da Calheta. Passagem pela Levada Velha, Vereda do Bispo, Furado, (almoço na Colheta).

Volta ao Funchal em vapor costeiro.

Dia 29 — Excursão ao Ribeiro Frio, passagem pelo Terreiro da Luta, visita ao Poiso (almoço). Levada do Palheiro, Pico do Arieiro (1793<sup>m</sup> de altura).

Jantar e pernoitar no Ribeiro Frio.

Dia 30 — Excursão ás Queimadas e Pico Ruivo, (1647<sup>m</sup> d'altura) visitas: Caldeirão Verde, Caldeirão do Inferno, Ribeira dos Touros, Cova da Roda. (Almoço, jantar e pernoitar na casa de abrigo das Queimadas).

Dia 1 de Julho — Sahida para Santana, (almoço). Passagem pelo Fayal, S. Roque, Terra de Baptista e Porto da Cruz. Jantar e pernoitar.

Dia 2 — Excursão a Santo Antonio da Serra. Passagem pelos Lamaceiros, (almoço). Visita á Quinta dos Leaes e Ribeiro de Machico. (Jantar e pernoitar em Santo Antonio da Serra).

Dia 3 — Sahida para a Camacha (centro do fabrico de mobilia de verga) almoço. Visita ás levadas do Furado, Caniço e Palheiro Ferreiro.

Dia 4 — Excursão a Camara de Lobos e Cabo Girão, em automoveis, (almoço). Regresso ao Funchal (jantar e pernoitar).

Dia 5 — Descanço no Funchal. Dia reservado para a compra de lembranças da Madeira.

Dia 6 — Embarque no vapor «Lima» de regresso ao continente.

Segundo informações que, particularmente, nos foram fornecidas, sabemos que essa excursão tem decorrido sempre com a maior alegria, mostrando-se os excursionistas satisfeitos com os pontos visitados e com as excelsas belezas d'aquela Ilha, que muito têm apreciado.

Na visita que fizeram ao Monte, os excursionistas foram acompanhados pelos Srs. Leonel Luiz e Humberto Machado, dois distinctos madeirenses que lhes prodigalisaram as maiores amabilidades e deferencias.